

VOLUME 21
2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 5ª PARTE (EGITO)
24/12/1876 a 06/01/1877

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

24 de dezembro de 1876 — Partimos às 6h do local onde havíamos ancorado ontem. Antes do alvorecer avistamos o Cruzeiro do Sul. Foi um grande prazer para mim.

Desembarquei na margem esquerda. Avistei primeiramente a caverna (speor) do reinado de Hórus, último rei da XVIII dinastia. Apresentam-se inicialmente quatro colunas e em seguida uma câmara com diversos nichos contendo estátuas sentadas, em baixo-relevo, bastante deterioradas.

No ângulo sudoeste existe sobre a parede sul uma deusa aleitando o rei Hórus. É um belo conjunto pela naturalidade e graça com que a deusa oferece o seio. Sobre a parede oeste vê-se o triunfo de Hórus. O rei sentado no trono é conduzido por doze oficiais do exército. Dois outros carregam o flabelo — muito necessário neste clima e com tantas moscas — acima da cabeça do rei. É o retorno de uma expedição contra os Cuchitas do Sudão. Soldados armados precedem o cortejo escoltando os prisioneiros aterrorizados. Eles dizem ao rei:

Curve tua face ó rei do Egito, sol do novo povo (líbios). Teu nome é engrandecido na terra Couch e és renomado guerreiro naquelas terras. Tua coragem — ó bondoso rei — deslumbrou os povos. O Faraó é nosso sol.

Examinei a seguir, junto à margem do rio, duas mesas com imagens e hieróglifos tendo como cercadura ornamentos arquiteturais, todo o conjunto inteiramente escavado na rocha e mais acima o que o povo chama de sustentáculo do conjunto e do qual falarei posteriormente. Reconheci ali os cartuchos de Set I e Ramsés. Um pouco mais adiante, à direita, existe outra mesa escavada na rocha, mas sem os mesmos ornamentos.

Retornando, notei ao longo da margem nove cavidades na rocha, razoavelmente grandes, das quais algumas exibiam, em péssimo estado, hieróglifos e estátuas sentadas.

Bem próximo à gruta de Hórus avistei três mesas esculpidas na rocha, em uma das quais se vê a imagem de Schaschang (XXII dinastia, 900 a.C.), o Sesac de que fala a Bíblia, apresentado a Amon pela deusa Moat. Vi nessas mesas o cartucho de Ramsés V (XX dinastia, 1.200 a.C.). Prokesch Osten fala, em seu excelente livro, de trinta pequenas câmaras mortuárias nesta mesma margem como pertencentes a personalidades da corte ou príncipes — erpahas — da XVIII dinastia (os cartuchos dos reis sob os quais eles serviram, eram de Tutmés III), de sua irmã Hatasou e de Usertesen I — (XII dinastia, 3.000 a.C.). A cartucha deste último encontrava-se no túmulo do grande sacerdote do Egito — Norte e Sul — Hapu-soreb.

Retornei ao vapor e logo após a refeição desembarquei em um bote à margem direita para visitar as principais pedreiras do período dos faraós — eu já havia avistado outras, também na margem que acabara de percorrer. Uma das partes cortadas na rocha tem, sem dúvida, cem passos de comprimento, grande largura e mais de cinquenta pés de altura.

A superfície do rochedo em todos os seus recortes mostra que empregaram-se apenas métodos que cortavam a pedra no sentido de suas camadas. Parece, pelos indícios que nos foram deixados, que os egípcios cavavam buracos na rocha formando uma espécie de tabuleiro de damas, nos quais se inseriam cunhas de madeira que dilatadas pela água nelas vertidas separavam as lajes.

Percorrendo as pedreiras, encontrei esboços de duas esfinges cujas cabeças se me assemelharam à de carneiros e blocos parcialmente facetados, alguns com hieróglifos, para uso indeterminado, onde li a cartucha de Ra-maa-ra. Adentrei em uma pedreira em forma de gruta onde conservaram grandes colunas e avistei uma mesa escavada na rocha, dominando a planície através da qual reencontrei o bote acima do ponto onde havia desembarcado. Duas das três mesas, dentre as quais uma expõe a imagem de Sesac, mas não exatamente esta, documentam a criação das festas no Nilo sob o reinado de Mer-n-phtah-Hotep-her-maa.

As duas margens do rio se aproximam em Silsileh, quase até cerca de 500 m. Os árabes acreditam que havia outrora uma corrente fechando o Nilo neste local e Silsileh significa corrente em árabe, a qual se atava à coluna que já mencionei. Todavia na obra Introdução ao Império Romano este nome está registrado pela corruptela Sililé.

Em uma das grutas Ramsés II faz oferendas à tríade tebana e ao deus Nilo, um dos locais onde está associado às outras divindades.

Antes de atingir Silsileh passamos pela aldeia de Rédésich, margem direita, onde reside um dos chefes dos Abadeh, tribo nômade que acampa entre o alto Nilo e o Mar Vermelho. São chamados de árabes, mas só as atitudes e os hábitos justificam tal nome, porque eles têm o mesmo sangue dos Bichusé da Núbia oriental, os antigos Herouscha invasores de que falam as inscrições em El-Kab, que mandaram construir uma fortaleza cujas ruínas em tijolos crus ainda são avistadas e que remonta provavelmente à X dinastia ou mesmo anterior à esta.

Acima de Rédésieh e próximo a Silsileh um rochedo à margem esquerda forma um cabo chamado Djebel-Abou-Chéguer (montanha das tempestades) porque a disposição dos vales torna os ventos freqüentes e perigosos. Desde Edfou e sobretudo após Silsileh o vale do Nilo perde o aspecto vicejante. Não se vê mais o verdor em sua margem, somente de longe em longe surgem duas ou três choupanas ao abrigo de tamareiras.

Algumas inscrições em Silsileh mencionam um lugar denominado Khennou, ou ainda a variação Pekennou (com o uso do artigo egípcio), que existia no vale e era consagrado a Sibek (o crocodilo), o deus de Ombos. Os vestígios marcantes da existência de uma antiga cidade do norte, bastante próxima ao desfiladeiro do Nilo, à margem direita, indicam talvez a provável localização do posto romano de Sililé.

4h e 1/4 — Retorno de Ombos, segundo a denominação dos gregos. O pequeno templo foi destruído pelo Nilo que ameaça também o grande. Este tem inscritos os nomes de Filometor, de Evergeto II e de Dionísio. O templo é constituído pela reunião de dois santuários justapostos, o do norte dedicado a Horouer (a luz aformoseada, sob o nome de Hórus) e o outro, do sul, dedicado às trevas, simbolizada por Sebek, o deus-crocodilo. Separados por uma muralha, os edifícios são antecedidos por colunas com elegantes capitéis formando um pórtico. Noto mais uma vez os lábios das imagens de Tutmés, grossos e voluptuosos e que sob a influência dos gregos, os membros das imagens tornaram-se melhor desenhados. A terceira câmara do lado norte apresenta a seguinte inscrição:

Cepes Basileôr Pitolemaiou Kai. Basilissês Kliopatras tês adeéphês tôn philométorôn Kai tôn toutôn Teknôn Árverei theôi megálôi Apellôni Kai tois sunnaies theois tôn sekon oi en tôi Ombitêi tassómenoi pesoi kai ippeis Kai oi álloi eú noias eneken tês eas aútoús.

Sob o rei Ptolomeu e a rainha Cleópatra sua irmã deuses filometos e seus filhos a Horouer o grande deus Apolo e aos deuses do templo o santuário os peregrinos e os cavaleiros e outros recrutados em Ombos por causa de sua bem-querença a eles. ⁰⁰¹

À certa distância do grande templo e à esquerda deste, dominando o rio, onde certamente em breve ruirá, observa-se os destroços do pilono que era de grandes dimensões e fora construído deslocado do eixo da edificação, sem dúvida em decorrência do templo menor. Havia, no teto da sala em colunas, representações astronômicas curiosas por suas formas; sobre uma parede sobressai uma barca com uma imagem carregando um cetro sobre o qual estava pousado um pássaro cercado de flores de lótus e pássaros diversos que esvoaçavam. Existem restos de uma muralha de tijolos crus.

Desci o Koum (colina). Ombos (nome atual desse local) em direção a um local mais a frente onde a embarcação veio me apanhar partindo em seguida para Assuan. O nome Ombos, segundo Brugsch, é Noubi em hieróglifos.

6 e 1/2 — Interrompi a exploração às 5 e 3/4. O guia Isombert não é muito preciso quanto à sua explanação.

Às margens do rio, sobretudo a partir de Koum-Ombos, se assemelham às que antecedem Edfou.

25 de dezembro de 1876 — Parti, aproximadamente às 6h da manhã para Assuan (Syene dos gregos e Souân em hieróglifos) lat. 24° 5' 23", mais setentrional 37' 23" que o Trópico de Câncer que deve ter sido de 15' 58" à época de Eratóstenes, cerca de 230 a.C., devido a obliquidade da eclíptica erastotênica. Supondo Assuan sob o trópico e medindo, após ter determinado astronomicamente a posição de Alexandria, a distância entre esta e Assuan dela deduzi sua localização.

Os faraós da XVIII dinastia exploravam as pedreiras de granito rosa em Syène utilizando um grande número de trabalhadores, mas sobre as rochas se multiplicam nomes dos reis da XII dinastia. A população de Assuan que se estima em mais de 4.000 almas é uma mistura de Barabrás, Felas, Ababdeh, Albanais e Turcos. Os Coptas são em pequeno número segundo Mariette ⁰⁰² que diz: "Assuan surpreende o viajante. Imagina-se estar em um outro mundo. Ali termina o Egito e começa um outro país." Em nenhuma outra parte se encontrará misturados tantos egípcios (em desacordo ao que diz Isombert), turcos, barabras, bickaris de torsos nus (os Ababdeh), negros de toda origem. Os habitantes de Cartum se fazem notar por sua bela figura pictórica, sua pele negra, sua cabeça semelhante ao melhor exemplar das raças

setentrionais. Complementando o quadro percebe-se expostas na praia várias mercadorias, gomas, presas de elefante, peles de animais cuja aparência exótica leva ao desencanto do olhar.

Ao centro desta multidão circulam mercadores que vendem não mais antigüidades, mas cassetetes de ébano, piques⁰⁰³, lanças, flechas cujas pontas de ferro dizem ser envenenadas. A descrição é tarefa extensa, sem dúvida um quadro impressionante.

Na ilha Elefantina — tanto em árabe como francês. Após mais de mil anos de abandono e esquecimento a fortaleza foi completamente desentulhada. As antigas divisões foram respeitadas. Foi adaptada uma nova tubulação na altura do 46° e 47° degraus no sentido descendente e colocada à disposição do povo em 1870, sob o governo do Quediva Ismail, o bom soberano que soergueu o Egito, pelo astrônomo Mahmoud-Bey um dos seus mais fiéis servidores.

Cheguei a Assuan aproximadamente às 8h A aldeia está disposta em forma de anfiteatro com belos sicômoros no cais. As pedras enegrecidas e de formas caprichosas que surgem do rio ou das margens e a ilha Elefantina logo defronte, com sua extremidade norte inteiramente verde, formam um conjunto bastante original e pitoresco.

Não percorri Assuan mas pude observar de bordo a veracidade da descrição de Mariette. Segui imediatamente, de bote, para a ilha Elefantina. Estrabão diz: “Ela abriga uma cidade onde se encontram um templo, de Cnuphia e um nilômetro como em Mênfis”. São apenas escombros da antiga cidade e as duas pequenas aldeias existentes são habitadas por Barabrás.

Quando da expedição de Bonaparte existiam ainda dois pequenos templos dos quais um estava, naquela ocasião, em bom estado e do outro restavam vestígios; vê-se agora apenas alguns blocos de granito, dois em pé como indícios de uma porta e os outros despersos pelo chão. Esses blocos apresentam diversas cartuchas e pude ler aquelas de Amenófis II, Ramsés II e Alexandre.

Na época dos Ptolomeus construiu-se um cais em arenito de 150 a 200m de comprimento e quinze metros acima do nível mais baixo das águas. Uma escada com cerca de noventa degraus conduz ao Nilo e na parede existem escalas graduadas para medir a elevação do nível das águas do rio. Atualmente usa-se essa escada para retirar água por meio de uma nora⁰⁰⁴ (saquieh) e cheguei a descer quarenta e sete degraus até ao nível d’água.

No local copieei a inscrição sobre a qual versa uma das páginas anteriores. Examinei também uma outra onde se fala de Sétimo Severo. As escalas graduadas gravadas na parede são bem visíveis. Sobre os rochedos que bordejam a ilha na face para Assuan estão gravados os nomes das divindades locais às quais eram consagrados os templos: Noum ou Khnoumis (Knouphis, Cnophis) e às deusas Anouké e Sati.

Knoumis é chamado de senhor de Couch ou do Sul, das cataratas, senhor de Elefantina. Este último atributo também é conferido a Set. A etimologia da palavra Elefantina remete à forma hieroglífica Ab, que significa elefante e lembra à forma latina ebur (marfim), sendo que a ilha em árabe é chamada Geziret-en-Taher (ilha florida), também habitualmente chamada Gesiret-Assouan (ilha de Assuan).

Retornei a bordo e às 11h estava a caminho da primeira catarata. No caminho avistei as rochas de granito rosa e notei um bloco, com cerca de quarenta dos meus pés, sendo preparado provavelmente para um obelisco.

Após ter passado na localidade conhecida por túmulos dos califas, onde vêem-se elegantes cúpulas e talvez por sua distante semelhança com os belos monumentos conhecidos pelo mesmo nome no Cairo, aqui também nomeados da mesma forma, alcancei o porto de Chéllal (catarata), com sua aldeota cercada de árvores e rochedos quase negros e ainda mais singulares por seus contornos que aqueles próximos a Assuan. Tomei um dahabieh que manobrava seus longos remos aos quais se agarravam grande número de felás que cantavam, ou quando não, gritavam (o que aliás faziam a maior parte do tempo). Fui conduzido por corredeiras até uma angra arenosa entre os rochedos, onde desembarquei para caminhar até à uma ponta de onde se aprecia as corredeiras, em nada semelhantes às do Grande Salto no Rio São Lourenço que atravessei em barco a vapor. O dahabieh pode descer ou mesmo subir esta catarata por uma passagem próxima à margem direita oposta à que me encontrava.

Os numerosos felás se lançaram na maior corredeira ultrapassando troncos de tamareira, tentando guiar estes corcéis fluviáteis por entre vagas e contracorrentes sobre as quais planavam com o torso fora d’água. Um espetáculo arrebatador.

O dahabieh abriu a grande vela para vencer a corrente. O vento não estava forte, mas avançávamos rápido e a paisagem, sobretudo quando as ruínas da vicejante ilha de Filas surgiram, atraíram toda minha atenção. Reparei em alguns rochedos que me pareceram as pernas de um colosso, sentado, sobretudo porque neles se distinguiam hieróglifos.

A ilha de Filas é pequena e repleta de escombros. Ali permaneci até 4 $\frac{3}{4}$ e lá retornarei, amanhã pela manhã, antes de partir.

O nome da ilha em egípcio se encontra nas inscrições que chamam Ísis de principal deusa da ilha “senhora de Ilak (com uso do artigo transforma-se em Pilak) e das províncias do Sul”. À esquerda de quem sai, na primeira coluna do grande templo e sobre a parede deste lê-se a inscrição de Deraide que transcreverei depois. Em um pátio e na parte superior da parede há outra inscrição com os nomes de alguns dos comissários científicos de 1799 e longitude e a latitude de Filas por eles localizada. Transcreverei também estes registros. São belos alguns capitéis do grande templo e muito me agradou um outro pequeno templo com quatro elegantes colunas de cada lado (computando duas vezes aquelas dos ângulos). É o que resta do mais antigo monumento construído por Nectanebo I, erguido trinta anos antes da conquista de Alexandre.

No grande templo há uma grande estela de granito onde estão gravadas as concessões de terras feitas ao templo por Ptolomeu Filometor e Evergeto II, havendo outra importante inscrição sobre uma das paredes do pátio principal. É uma cópia daquela da Rosetta, exceto a parte em grego, origem da descoberta de Champollion. Nesta mesma língua observei diversas outras sobre as muralhas, algumas interessantes e das quais farei uma cópia.

Sobre o terraço, na câmara de Osíris, uma inscrição grega prova que em 453 de nossa era, sessenta anos após o édito de Teodoro, O Grande, a deusa Ísis dispunha ainda de um colégio de sacerdotes. Foi próximo à metade do século VI que o templo se transformou em igreja de São Estevão e as esculturas egípcias foram encobertas pelo limo do Nilo. Dentre os monumentos do Egito foram os dedicados às divindades femininas os que mais sofreram com os atos de vandalismo, tendo sido golpeados a martelo. Subi em uma das faces do primeiro pilono através de uma escadaria com 127 degraus em lances helicoidais. A vista é particularmente original: um pequeno oásis entre rochas de contornos diversos, assemelhando-se algumas a colossos apenas esboçados.

A superfície do rio é calma em torno da ilha e bramante e coroada por rochedos logo a seguir, onde o Nilo se apressa em abandonar a Núbia para fertilizar o Egito.

Paul Lucas, viajante da época de Luís XIV, diz que esta catarata faz tamanho estrondo que os habitantes de locais bastante afastados ficam surdos. Os ouvidos deste viajante eram de uma sensibilidade extraordinária.

É curioso observar o modo como foram reutilizados os monumentos mais antigos em relação aos mais modernos. Sobre uma das faces do primeiro pilono abriu-se uma porta de entrada a um pequeno templo que passou a dispor de um pórtico próprio.

26 de dezembro de 1876 — Desembarquei às 6h 20'. Visitei inicialmente a ilha de Bigeh quase inteiramente coberta de pedras, com apenas uma pequena orla cultivada. Examinei diversas cartuchas, as ruínas de um diminuto templo e uma estátua sentada cuja cabeça havia sido quebrada. Em seguida fui à ilha de Filas onde desembarquei na face sul. Logo avistei um pequeno templo, bem próximo a um dos dois pórticos com colunas — o do lado oeste e que à esquerda de sua face sul deixa entrever um obelisco sem hieróglifos nem imagens, onde sobre a face norte gravou-se uma inscrição grega que copiarei junto às demais, em uma das páginas deste diário. Encontrei neste templo a cartucha de Naxt-neb-f (Nectanebo I). Prokesch diz que esta data do reinado de Nectanebo e que a outra, a quem também a atribuo, segundo Isombert, é da época de Trajano. Na face oriental do pórtico em colunas existe um capitel muito elegante, ornado com palmas intercaladas com cachos de pequenos frutos. Atrás deste pórtico, de um pequeno templo mais a leste e à esquerda, um pouco distante do templo de Trajano, copiei duas inscrições gregas. A inscrição atribuída a Desaix se encontra na face interior do lado oriental do primeiro pilono, em cujo topo estive ontem. A outra, creditada à comissão astronômica de 1799, avistei após ultrapassar as duas colunas da muralha a leste que forma, junto com a parte central do grande templo, um pequeno pátio.

Uma outra inscrição, da comissão romana, copiei da verga da porta que conduz da sala hipostila às câmaras do templo. A sala hipostila tem seus capitéis e teto decorados com belas cores. Nas câmaras que também examinei, haviam imagens em baixo-relevo, muito bem feitas, como as de Ísis com tranças pintadas de azul e subindo uma escada em lance contínuo — a outra não mais existe — prossegui apreciando a câmara de Osíris no terraço. Lá estão as melhores representações, que eu jamais havia visto, da morte e ressurreição de Osíris e os numerosos sinais de anch e de us junto aos hieróglifos que estudei atentamente, assim como as cartuchas. A imagem é guarnecida de braços que carregam os dois bastões cobertos de insignias e que hoje avistei pela primeira vez. O templo possui também criptas dispostas em corredor e do lado

oeste uma escada, que desce até ao rio e de onde se vê a porta de saída. Não consegui decifrar uma inscrição grega, à esquerda da porta da câmara de Osíris e onde não avistei outras. Talvez seja aquela de que já falei. Em uma outra câmara, sobre uma das colunas da sala hipostila, lê-se o nome do bispo Teodoro; existem também cruzeiros e outros indícios que comprovam a afirmativa de Isombert que disse ter sido aquele templo (ou melhor, esta parte) transformado na Igreja de São Estevão pelo bispo Teodoro.

Retornei a bordo às 9h ½ aproximadamente.

Almoço ao meio-dia e desembarco logo após para ver na margem esquerda o pequeno templo de Débod ou Debout. Não encontrei ali qualquer cartucha de Arkamen, rei da Etiópia, contemporâneo de Ptolomeu Filadelfo (285-247 a.C.). Precedido por três pilonos que mais parecem portas e sobre o que resta da verga do segundo deles, há uma inscrição grega de um ptolomeu. O rio é guarnecido por um cais de pedra onde se vê os restos de uma escada. Existem ainda alguns degraus que levavam ao terraço do templo.

Em uma ilha chamada Konasso (Kenés em hieróglifos), próxima a Filas e Bigheh e que não pude visitar, acha-se o nome de Neferhotep da XIII dinastia (2.000 a.C.).

1h 18'. Novamente a caminho.

Eis a inscrição de Desaix, gravada em maiúsculas:

L'an 6 de la République le 12 messidor une armée commandée par Bonaparte est descendue à Alexandrie L'armée ayant mis, vingt jours après, les Mamelouks en fuite aux Pyramides, Desaix, commandant la 1^{ère} division les a poursuivis au delà des cataractes, ou il est arrivé le 13 ventose de l'an 7.

Lê-se abaixo em letras maiúsculas:

Les genereaux de brigade Daourt Frianb e Belliard Dondelot chef de l'Etat Major Latoumerie Comm de l'artillerie Eppler chef de la 21^{ème} legère

Le 13 ventose an 7 de la République.

Le mars an de J.C. 1799.

Gravé par Costaz sculpteur.

Inscrita pela comissão científica, em letras maiúsculas:

R.F.

An 7

Balzac. Coquebert Coraboeuf.

Costaz. Coutelle. Lagimerre.

Ripault. Lepere. Méchain. Nouet.

Lenoir. Nectouse. St. Genis. S. Vicent

Dutertre. Savigny.

Longet. Depuis Paris. 30 ° 16' 45"

Latitude Boreale 24° 3' 45"

Inscrita em letras maiúsculas pela Comissão Romana, a melhor gravação:

Gregorio XVI

Pegli auspici degli Em. P.P. Gambesini e Tosti.

Fin qui la spedizione sul bordo la Fedeltà.

Che dal Tevere a questi scogli.

Il 21 del 1841 approdava.

Antonio Calvi

Sculpi

No obelisco de Filas lê-se:

Basileus Ptolemaiou theou neou Dionasiou Philopatros Kai sunadelphou Kai tôn teknôn to proskunêma parà tê kuria Iside Kai tois sunaiois theois Theodoros Agêsiphôntor Axain apo Patrôn pepor...

Sobre a verga da porta sul, acesso leste do pequeno templo, no extremo norte do pórtico oriental em colunas:

Basileus Ptolemaios Kai Basilissa Kleôpatra thesi Epiphaneôs Kai Ptolemaios ô ùios Às Klêpiôs.

Sobre a verga na face interna da entrada leste do pequeno templo ptolomaico, a leste do segundo pilono do grande templo:

Basileos Ptolemaiôs Kai Basilissa Kleópatra à delphê Kai. Basilissa Kleópatra e guñe theoi euergetai Aphroditêi.

As margens do rio são bastante pitorescas em virtude dos rochedos que guarnecem a estreita orla verdejante. Tem-se uma bela vista ao sair de Filas, cujo primeiro pilono vê-se ainda a grande distância.

Desembarco às 4h para visitar as ruínas de um diminuto templo muito gracioso. Um dos capitéis me pareceu ornado com espigas e cachos de videira. Data do período romano. Não pude examinar, pela distância, uma pedreira de arenito com inúmeros ex-votos gregos desenhados sobre a rocha e inscrições da época de Marco Aurélio e de Severo.

Os núbios nos cercaram e meninos, rindo, nos ameaçavam com seus punhais curvos que carregam embainhados ao mesmo tempo que pediam gorjeta. Meninas usavam os cabelos em finas tranças iguais às que havia visto na imagem de Ísis. Os cabelos reluziam bastante mas não se sentia o cheiro do óleo de rícino com que elas os esfregavam. Atravessei uma plantação de nafé⁰⁰⁵ cuja fibra me disseram ser bastante sedosa e utilizada para tecer. Há alguns dias vi uma planta, cujos grãos são contidos em uma casca redonda, bem fina, assemelhando-se a uma pequena lanterna chinesa. Seu caule produz abundante sumo causando cegueira quando apenas uma gota cai nos olhos.

Às 5h 20' estava a bordo de retorno de Gestásse (também chamada Kerdaseh). Durante o jantar, que começou às 6h, paramos em Markap (Tafah ou Wadi Tafahi) diante do lugar que havíamos pretendido atingir. Bonito luar. Os rochedos estão a nossa volta quase inteiramente.

Hoje travei conhecimento com um dos passageiros, Mr Elijah Walton, que me parece artista de algum mérito, pelas aquarelas que me mostrou e ainda uma outra obra de maior porte, onde desenhou todos os detalhes do camelo e estudou seus movimentos e foi dedicada ao célebre zoólogo Richard Owen que já conheço bem. Parece-me que poderá ajudar a resolver interessantes problemas de mecânica animal.

27 de dezembro de 1876 — De pé às 5h Li. Após às 6h subi à ponte. O amanhecer é soberbo. Parti às 7h Não vi Tafah ou Wadi Tafahi (margem esquerda) porque não soube que poderia visitar as ruínas 1/4h antes da partida e temia que o tempo não fosse suficiente. Acham-se ali dois pequenos templos da época romana, um quase inteiramente destruído.

Logo em seguida o rio se estreita por entre os rochedos com várias ilhas de blocos enegrecidos emergindo da corrente e locais verdejantes, coroados de tamareiras fazem um belo contraste com a severidade da paisagem. Ao sul, o Nilo parece estar fechado por uma ilha plena de verdor. Logo adiante o rio parece um lago. É impossível descrever todos os aspectos deste local conhecido como Portas de Kábsheh ou El-Bab.

Às 7 ½ o primeiro dejejum e às 8 cheguei a Kalabsheh (margem esquerda). Fui imediatamente visitar o templo mais importante da Núbia, após aquele de Ibsamboul.

Imagino que o acesso ao templo se faz a partir do rio por dois lances de escadarias entre os quais havia um terraço. Chego ao pilono bastante grande e bem conservado. Ele precede três câmaras das quais uma possui colunas onde vi folhas e cachos de uvas em um de seus capitéis. A terceira câmara exhibe figura humanas em baixo-relevo, pintadas, muito curiosas por suas vestimentas. Vemos ali belos colares com pingentes, uma espécie de polaina para nadar, ceroulas, calções e sobre o peito uma capa fechada coberta de pequenas lâminas semelhante a uma cota de malha. Duas das figuras são bem expressivas e uma delas destaca-se pela superioridade de sua modelagem. Chega-se a um terraço por um lance de escada. Existe também uma passagem subterrânea não muito extensa. O templo é cercado por muralhas duplas, em pedra, que abrigam câmaras em seu espaço interno.

Sua construção foi iniciada no governo de Augusto e continuou sob os de Calígula, Trajano e Severo. Copiei algumas cartuchas para estudá-las e não me parece que sejam destes imperadores. O templo substituiu um outro da época de Tutmês III. Não conseguiu localizar a estátua onde provavelmente se encontra a cartucha deste rei. Em hieróglifos o nome deste local é Telmês e os romanos o chamaram de Tolmis. Em uma das colunas do templo há uma inscrição do rei núbio Silco, do final do século VI.

Nesta época, os nobadae, já convertidos de longa data ao cristianismo, não dominavam mais a região de Dodecaschêne, que havia sido retomada pelos Blenyas, provavelmente seus antigos ocupantes. O reino de Silco começava somente em Primis (Ibrim de hoje em dia, a dois terços da distância entre Assuan e Wadi-Halfa). A região de Dodecaschêne começava em Syene e compreendia, rio acima, uma distância de 133 km. Foi esta a parte acrescentada ao Egito, de modo definitivo, sob Psamético (665 a.C.).

Uma estela descoberta em Wadi-Halfa atesta que Ousertesen III (XII dinastia) havia dominado até à região de Couch, tendo chegado à ilha de Argo. Seu sucessor, Anenemno, tem seu nome nas inscrições desta mesma região.

Três reis compõem a XXV dinastia proveniente da Etiópia ou Couch, como também é conhecida a região. Tahrarka, o último desses reis, promoveu expedições assim como os Tutmés e os Ramsés. A Bíblia cita com frequência a região de Couch Jeremias diz “Pode o etíope mudar sua cor?” e Isaías fala de seus habitantes como homens de grande estatura. O casamento de Moisés com uma couchita *[sic]* foi motivo de murmúrios da parte de Aarão e Miriam.

Estive, em seguida, visitando em Beit-el-Wali (a casa do santo) um templo escavado na rocha, dedicado a Amon-ra, Noum ou Kneph e a Anoukê. O espaço exibia em suas paredes cenas de guerra e desenhos de girafa, touro, leão, cabrito, macaco e avestruz muito bem feitos. O chefe dos couchitas e seus filhos são levados prisioneiros, junto com todas as oferendas, à presença do rei Ramsés II pelo filho deste. Na parte escavada na rocha há duas colunas dóricas, mas existem vinte e quatro outras, das quais vinte com caneluras e as quatro restantes lisas e em pares; destas últimas duas estavam alinhadas ao eixo da entrada. Cada uma das quatro corresponde em largura a duas das caneladas. Sobre as muralhas está a gravura do rei segurando pelos cabelos uma cabeça, de traços negros, muito bem delineados, que ele vai massacrar com sua clava e ainda a figura de Hator aleitando uma criança, ou melhor, um menino.

O vapor partiria às 11h, lamentei não ter tido tempo para examinar esses baixos-relevos. Notei muitos jovens, Ísis inteiramente negras pedindo insistentemente esmolos e punhais e lanças farpeadas. Meu guia era um belo núbio que trazia seu punhal atado ao braço esquerdo por um bracelete.

Após ter atravessado Abou-Hor, onde na estação de baixa das águas o Nilo deixa apenas uma estreita passagem, quase tocando a margem oriental, o vapor chegou a 1h ½ a Dindour, onde conheci as ruínas de um pequeno templo contemporâneo a Augusto.

É notável a curva acentuada formada pela muralha do terraço defronte ao templo. Não consegui encontrar a cartucha de Augusto. Li truncadamente duas cartuchas próximas uma da outra, onde decifrei numa a palavra autocrater e na outra Cesar. Dindour é consagrado a Ísis, Osíris e Horus.

5h — Chegamos a Gherf-Hossein (Girchah ou Kirscheh) também na margem esquerda. É necessário um bote para o desembarque. Em hieróglifos o lugar se chama Pephtah — morada de Phtah O templo é dedicado a Phtah Hator e Anoukê. Há em toda parte a cartucha de Ramsés II. O pórtico é formado por cariátides. Atinge-se o templo, a partir do rio, por uma larga escada decorada por estátuas e esfinges de que encontramos fragmentos. Entra-se em seguida numa sala cavada na rocha, com seis colossos apoiados a pilastras de 8 m de altura. Sobre paredes laterais estão quatro grandes cadis esculpidos na pedra, contendo cada um três imagens, sentadas, em baixo-relevo. Uma segunda sala conduz a uma terceira ainda menor, o aditum ou santuário, ao fundo do qual se encontram quatro divindades, sentadas, também esculpidas em baixo-relevo. Quatro pequenas câmaras laterais completam o monumento. Não consegui distinguir as divindades esculpidas apesar do esforço que me impus. Já estava tarde e era necessário retornar. O bote estava envolto por barulhos estranhos e bastante pesado e não conseguia avançar. Foi rebocado até que alcançou a corrente e finalmente estávamos a bordo próximo das 7h 1/4. A noite era belíssima com o luar se lançando sobre o Nilo. Acabo de jantar. Vou apreciar o luar que se derrama sobre a popa do navio e conversar um pouco.

28 de dezembro de 1876 — De pé às 5 1/2. Partida às 6 1/2. Chego às 9h a Dakkeh Visito as ruínas do templo fundado no período de Ptolomeu Filadelfo, pelo rei da Etiópia Ergomêne, do qual lê-se as cartuchas e continuado por Filopator, Evergeto II e até mesmo por Augusto cuja cartucha, a qual não pude ler, diz-se figurar em todas as inscrições. O nome desse lugar é Pselchis segundo as inscrições gregas. Foi aqui que Petrônio desafiou as tropas de Candace, rainha dos etíopes, em sua marcha sobre Napata. O templo era cercado por uma muralha de pedras envolvida por outra em tijolos crus. Está situado paralelamente ao rio. Apresenta uma pequena câmara onde se percebem baixos-relevos extremamente bem feitos de dois leões, que por suas posturas se assemelham aqueles de Micenas. Ao lado um cinocéfalo adorando outro leão, em cima dois íbis, lado a lado e mais elevado dois outros leões se contemplando.

As paredes mostram imagens de divindades. Sobre a parede da sala, atrás daquela ao lado da pequena câmara, observa-se a imagem de um sicômoro sob o qual está sentado comodamente um cinocéfalo, vendo-se do outro lado da árvore um boi, assim como diferentes representações da deusa Nil, das quais uma parece colher alguma coisa sobre o sicômoro. Subi ao pílono de onde se avistam ao longe pequenas colinas bem delineadas cuja forma e cor quebram a monotonia do deserto.

Não muito distante do pilono e entorno deste e das pedras que se alinham à direita paralelamente àquelas da esquerda e por uma certa extensão, bem à frente do pilono, vê-se lançado por terra o fragmento da cabeça de um pequeno leão.

Tendo que retornar a bordo às 10 ½ não pude ir à aldeia de Kabban, (Pselas - forma contracta) defronte a Dakkeh, na margem direita, visitar os restos de um templo e ver as cartuchas de Ramsés VII e VIII, assim como o de Amenófis III, também em escombros.

O vapor partiu imediatamente após a chegada dos passageiros e não parou em Korte, na margem esquerda (segundo os hieróglifos Ísis é considerada como deusa de Kerté. No Itinerário, livro onde se descrevem as proezas de Antonino, escreve-se Corte).

O pequeno templo de Kerté foi fundado pela primeira vez na época de Tutmés III. Chegamos a Mehamkkah, margem esquerda, às 12h 35' e retorno à 1h 20'. As ruínas não têm grande importância. Na parede de uma pequena construção ao lado do templo e bem próxima ao rio vê-se em baixo-relevo a imagem de Ísis sentada sob uma figueira. Uma galeria de colunas dominava a visão de três das faces deste pequeno templo e um de seus ângulos é ocupado pelo vão de uma escada em espiral que levava aos terraços das galerias. O templo dedicado a Ísis e a Osiris data do tempo dos Césares. Na face perpendicular ao Nilo existe uma porta no intercolúnio. Parece ter desmoronado uma muralha, estando as pedras dispostas em linhas paralelas e colocadas como fiadas de um telhado, fazendo supor a existência de uma escadaria.

Em Mehamakah (Hiera Sycominos — sicômoro sagrado), no lado sul, terminava a província greco-romana como na época dos faraós. Em uma das colunas do templo de Mehamakah, li e copiei um prokyrema (ex-voto) em grego dedicado a Ísis.

O rio mostrou belas paisagens até Wadi-tebouak, sobretudo quando o pôr-do-sol azulava suavemente as colinas distantes e tornava mais vivo o verde da estreita orla da margem mais iluminada.

Cheguei a Sebonah às 5 h 1/2. Fui apreciar imediatamente o local. Quase tudo havia sido invadido pelas areias. Ainda se percebem dois colossos de Ramsés, seguidos de três esfinges com cabeças humanas e calculo que tenham sido dezesseis, formando uma aléia até ao pilono. Atrás deste, a areia encobriu toda uma sala e vedou completamente a entrada de outra logo a seguir. Antes de chegar às ruínas reparei num local onde se concluíra a colheita e tudo se cobrira de areia.

Nos templos de Maharnakah e de Kalebshéh percebi umas espécies de gárgulas, de que já falei anteriormente e na primeira delas havia um tipo de cânula na face externa. O nome Sebouah corresponde a Péamên que significa morada de Amon. A maior divindade, Amon-Ra, tem ao lado Ramsés considerado a segunda divindade em importância e aparece adorando a si mesma.

Em Sebonah termina a primeira divisão da baixa Núbia, conhecida por Wadi-Kénous, nome proveniente da raça aborígine e se inicia a região de Wadi-el-Arab que se estende até Derr. Os árabes desta região pertencem à tribo de El-Seghât.

Retornando de Sebouah antes das 6 ½ e prosseguindo viagem, logo em seguida, chegamos a Korosko situada à margem direita somente às 11h Sob o luar as colinas causam uma impressão bastante pitoresca. A areia amontoada entre as fendas dos rochedos assemelhava-se a pequenas galerias, embora a partir de Assuan a areia não seja inteiramente branca, ora amarelada ou com tonalidades plumbeadas.

Korosko está quase na metade do caminho entre Sebouah e Derr. É neste local que chegam as caravanas de Sennaar.

29 de dezembro de 1876 — De pé às 5 1/2. Faremos a escalada ao pico de Aures-el-Guarany, local sagrado para os Árabes por causa do túmulo de um homem santificado. Dizem que a vista é magnífica e que dali se observa a passagem de incontáveis caravanas. Um viajante encontrou certa vez mais de 2.000 camelos na estrada.

8 ¾. Retorno. A visão deste oceano feito de ondas de colinas de arenito enegrecido e cortado por correntes de areia, como aquela da estrada das caravanas, é de uma aridez impressionante, às vezes amenizada em certos pontos por elevações azuladas na linha do horizonte.

Visitei o acampamento dos mercadores próximo ao rio. Comprei pedaços de goma arábica ali oferecidos em grande quantidade. Um vaso de couro para carregar água chamou minha atenção por sua forma semelhante à das moringas de barro do Brasil. Vi carneiros do Bargou (Sudão) bastante grandes e cuja cabeça e dorso se assemelham aos do camelo. São em pequeno número, de porte pequeno e reconheci neles o dromedário por suas pernas finas. O número de corcovas distingue apenas os camelos da Ásia, que possuem duas, enquanto os da África apenas uma. Entrei na tenda de um dos

mercadores feita internamente de esteiras. Dentre os objetos característicos da sua região de origem, fiquei impressionado ao ver malfeitas cópias, a óleo, de Cenci e da Sybilla-Persica.

Gostaria bastante de percorrer demoradamente a margem do rio sombreada de belos sicômoros cuja folhagem o vento fazia cintilar, mas tenho o que fazer a bordo e talvez o comandante nos faça partir mais cedo para apreciar melhor o trajeto até Ibrim, onde esperamos pernoitar.

Desde que iniciei a navegação pelo Nilo, acima e próximo de Assuan, não escutei outra coisa senão a exclamação — veja um crocodilo! — que não consegui enxergar e apenas entrever, rapidamente, três destas feras, empalhadas grosseiramente. Diz-se que são numerosos nas cercanias de Derr, onde passamos hoje. Cheguei a Amada ou Hassaia, na margem esquerda, às 11 1/2. O minúsculo templo dedicado a Amon-Ra está quase soterrado pelo templo *[sic]*. Seus baixos-relevos são bastante curiosos. Vê-se uma imagem de mulher abraçando uma figura masculina, com os lábios quase se tocando e cuja boca expressa grande doçura. Existem também imagens do rei portando em oferenda quatro bois, sem chifres, seguros por quatro cordas amarradas às pernas dos animais e de Safesh, deusa que presidia as bibliotecas e tudo o que se relaciona à ciência e às letras.

A fundação do templo se atribui a Ousertes III (XXVII século a.C.). Nele estão as cartuchas de Amenhotep II e Tutmés IV. Foi transformado em igreja nos primeiros séculos do cristianismo. Do terraço tem-se uma bela visão do perfil das montanhas ao longe. Parece contemplar o rio que está próximo.

Retorno e nova partida à 1h Cheguei a Derr ou Deir (Pê-ra na forma hieroglífica — Morada do Sol). É um pequeno burgo, mas muito importante.

Em visita ao templo de Amon-Ra, na margem direita, ao contrário da maioria que se localiza na margem esquerda, passei junto a um belo sicômoro. Defronte ao templo havia um pátio cercado de uma muralha com oito pilastras. Escavado na rocha, nele penetramos através de um frontispício com seis pilastras e por entre vestígios de colossos voltados para as pilastras. Ladeando a fachada distingue-se baixos-relevos mostrando cenas de batalhas famosas. No interior as paredes mostram cenas religiosas como nos demais templos, destacando-se as que reproduzem duas barcas divinas conduzidas em procissão sobre as espáduas de numerosas pessoas. A última das câmaras, expõe em sua parede do fundo os restos de três estátuas, sentadas, que representam, a partir da direita para a esquerda de quem as contempla: Ramsés, Amon-Ra, Ptah e Toth. É para mim bastante difícil distinguir a maioria dos deuses.

A visão que se desfruta do alto do rochedo é uma das mais belas desta viagem. De um ponto junto ao templo contempla-se a aldeia repleta de tamareiras, o Nilo um pouco mais além e voltando-se para o lado oposto, junto à linha do horizonte, distingue-se o contorno das colinas em formatos variados e coloridas de um azul às vezes quase negro.

Antes das 4h estava novamente a bordo e partimos para Ibrim. As margens do rio, abaixo de Derr (Deir), são muito viçosas sobretudo aquelas da esquerda, onde as colinas dispõem grandes espaços para o cultivo também favorecido pelas águas do Nilo. Os saquiehs (nora) ⁰⁰⁶ são numerosos. Não vejo mais os antigos chadoufs, sistema primitivo usado na irrigação dos campos. Um cesto, um tanto quanto rústico, afixado na ponta de uma haste basculante, retira a água do Nilo vertendo-a em uma cânula que a conduz a outro cesto mais elevado, o qual derrama o líquido em outra canaleta superior e assim a água do rio chega ao canal aberto no nível do campo a ser irrigado.

Cheguei a Ibrim, na margem direita, às 6 3/4.

Às 8h o vento se abranda depois da violência com que nos surpreendeu ao pôr-do-sol. A noite está deslumbrante. A margem direita do Nilo se assemelha a um lago suíço com suas montanhas nevadas.

30 de dezembro de 1876 - Ibrim é chamada Primis nos documentos contemporâneos aos romanos — Primis parva para diferenciá-la de uma outra muito mais adiante, rio acima.

Logo após a conquista do Egito, Selim colocou ali uma guarnição de soldados bósnios, cujos descendentes permaneceram no local até o começo desse século. O castelo, situado em uma elevação, foi ocupado pelos mamelucos após o massacre do Cairo, mas estes foram rechaçados por Ibraim-Pachá.

Ontem na aldeia de Deir, ou Derr, vi mulheres e meninas com os cabelos trançados como os de Ísis. Uma delas carregava um pedaço de madeira semelhante a uma boneca ornamentada com colares e cuja cabeça é feita de lã, em formato de borla, arrematada por uma longa farpa, retirada da madeira, que serve junto com a borla para sombrear a borda das pálpebras, usando uma planta que acredito seja uma espécie de hena, a qual há havia visto ser utilizada para avermelhar as unhas e cuja flor tem o aspecto e sobretudo o odor agradável do resedá.

Após ultrapassar Derr vi sobre a margem direita muitas acácias.

8h Avistei as grutas cavadas no rochedo contornado pelas ruínas de uma aldeia, onde provavelmente se localizava o castelo dos mamelucos. Retomamos a viagem. Utilizamos escadas e cordas para atingirmos a mais curiosa das quatro grutas. Lá encontrei junto à parede do fundo três estátuas, sentadas, esculpidas em baixo-relevo e a cartucha de Ramsés. O teto está pintado em quadrados brancos com cantos em vermelho. Sobre a verga da porta, pelo lado de fora lê-se a cartucha de Amenhotep (Amenófis).

[desenho]

Ibrim, 30 de dezembro, 8 da manhã.

Em outra gruta que visitei o teto também foi pintado em pequenas volutas brancas com a seguinte forma (desenho) entremeadas por outras vermelhas. Pude observar melhor nesta margem (a direita) a planta leitosa de que já falei. A vagem antes de secar é cheia de sementes, com filamentos sedosos que se dispersam ao menor sopro.

Esta manhã examinei o ricino, bastante baixo e chega a ser quase rasteiro.

Em Anilé, na margem esquerda, existe um túmulo datado da XX dinastia (1.200 a.C.). Não pude visitá-lo, porque seguiremos direto para Abu-Simbel (Ibsamboul).

11h 1/2. Há cerca uma hora vi em uma ilha de areia um enorme crocodilo. Observei-o com meu binóculo inseguro quanto ao que via, pensando que fossem pedras, até que ele correu a se lançar na água.

Atravessando o Nilo quando retornava das cavernas de Ibrim ouvi o eco dos rochedos, por uma vez um deles se fez escutar por 3'.

2h 40'. Chegamos a Abu-Simbel (margem direita). Aproximadamente uma hora atrás, entrevi dois crocodilos sobre uma ilha rochosa. Fui imediatamente conhecer os templos. O menor é dedicado a Hathor. A fachada apresenta seis colossos com cerca de 71 m, representando Ramsés e sua mulher Nofreari (segundo Isombert) com os filhos a seus pés. De pé eu alcançava apenas os joelhos do rei que estava sentado. O interior possui três divisões: uma primeira sala sustentada por seis pilastras quadradas e capitéis com a cabeça de Ísis; uma passagem transversal, uma câmara em cada extremidade e o santuário.

[desenho]

30 de dezembro de 1876 — 4 ½ da tarde. Abu-Simbel (Ibsamboul)

Os muros são decorados com baixos-relevos mostrando o rei e a rainha fazendo oferendas a diferentes divindades. A cartucha da rainha, pelo que consigo decifrar dos hieróglifos, deve ser lida Nefer-t-ar-i-mer-n-met. Ela tem nas mãos, quase sempre, um instrumento de música semelhante ao sistro, espécie de guitarra e uma de suas imagens trazendo um carneiro é bastante graciosa, com uma boca muito expressiva.

O segundo templo, o maior em direção ao sul, mostra em sua face principal quatro estátuas colossais de Ramsés com mais de 20m de altura, sentada, talhada na rocha do mesmo modo que a do templo menor. Constituem um conjunto belissimamente trabalhado, destacando-se a primeira delas, contada a partir do sul, que possui uma expressão notável, deslumbrante. A cabeça e o torso da segunda das estátuas jazem no chão irreconhecíveis. Uma linha horizontal de hieróglifos encimada por uma cornija composta de vinte e duas imagens de macacos acorados, muito desgastada e a figura em relevo, de Hórus sobre a porta, completam o admirável frontispício. Escalei o monte de areia que quase o encobre e ali permaneci, quase meia-hora, contemplando o mais belo dos colossos. O esboço que fiz serve apenas para mostrar meu esforço e vã tentativa de captar sua expressão. Foi esta imagem que conquistou minha simpatia para com Ramsés II (Sesostris), apesar de seu caráter vaidoso, próprio a todos os conquistadores e dos seus 162 filhos, o que o faz supor polígamo e cujas imagens dizem figuram no templo de Sebonah Entretanto, no templo maior, vê-se apenas a rainha Nefer-t-ar-i. Há sobre a perna de um dos colossos ao sul uma inscrição grega, já traduzida por Lake, mas vou estudá-la antes de transcrevê-la neste diário. Li também esta inscrição de um viajante italiano bastante conhecido: "Carlo Vidua italiano qui venne dalla Lapônia".

Viagem surpreendente!

O nome Lesseps está inscrito em uma das pernas das estátuas da fachada do templo menor e sobre a verga à direita da porta do templo maior encontrei o de Thierry, datado de 1832. Teria Agustin Thierry vindo a Ibsamboul? Quatro salas sucessivas com profundidade total de 60 m e dez câmaras laterais formam o conjunto dessa grandiosa escavação. A primeira sala tem dupla fileira de oito pilastras às quais estão apoiados colossos de 5m 26 de altura. A segunda sala tem

apenas quatro pilastras simples, mas ao fundo acham-se outras quatro, em tamanho maior que o natural, representando Ramsés, Amon, Ra e Ptah.

Os murais não representam temáticas ligadas às divindades ou barcas sagradas carregadas em procissão, os principais assuntos são as expedições guerreiras de Ramsés às quais se acrescenta o Pen-ta-our. Um grupo de seguidores do rei espanca um semita que segura ainda seu arco. O desenho extremamente bem feito imprime à postura do rei e ao abate do inimigo bastante movimento.

Os diversos povos asiáticos cuchitas e negros, derrotados pelos egípcios têm seus traços, vestes e cores muito bem reproduzidos, principalmente os cuchitas e negros. Do lado esquerdo, encostada à parede externa da fachada, havia uma pequena câmara onde se vê imagens de prisioneiros cuchitas fielmente reproduzidos em seus traços e vestimentas. Bem próximo dali, ao sul, distingue-se sobre a rocha peças semelhantes a mesas com imagens gravadas e hieróglifos que talvez sejam as portas de entrada de escavações interessantes. Hoje não consegui encontrar um certo tipo de lanterna cuja forma aguça a curiosidade e é comumente achada unida às pontas dos bastões e cetros que as divindades e os reis costumavam carregar. Farei muitas perguntas a Mariette quando nos encontrarmos no Museu Boulaq no Cairo.

A noite é totalmente bela. Quando saí do grande templo Ísis, refulgente, se banhava nas águas de seu amado rio. Entre 9 e 10 h irei contemplar novamente, sob o luar, o colosso de minha predileção e sonhar que não existem distâncias na terra que não possam ser vencidas quando se pode viajar como Vidua.

Há muito tempo não vejo os pombos que aqui no Egito são tão numerosos, superando os 30 milhões. Se os alimentassem a despesa seria enorme, porém eles fertilizam o solo. Esta observação corrompe os pensamentos poéticos inspirados pela visão de tão belas ruínas, mas nada eleva tanto a alma quanto a harmonia reinante em toda a criação.

Revi meu croqui do colosso. Se não fosse a lembrança que ele traz eu o teria rasgado em pedacinhos. Talvez eu tente refazê-lo amanhã de manhã.

10h — Retorno de minha caminhada sob o luar para apreciar os colossos. Sentei-me no alto da montanha de areia e contemplei esta fachada inigualável. O primeiro colosso do lado norte, observado ao luar, foi extremamente realçado e favorecido. É notável a expressão dos olhos e da boca. O colosso que quase me reconciliou com Ramsés II estava muito distante e a luminosidade insuficiente. Se eu não receasse a névoa retornaria diante daquela fachada, pois valeria a pena a longa caminhada. Os desenhos, as fotografias que havia visto não me proporcionavam uma idéia mesmo que longínqua do que havia experimentado assim que me aproximei daquele monumento. Amanhã pela manhã retornarei aos templos.

31 de dezembro de 1876 — De pé às 5h Li. Após o primeiro desjejum, aproximadamente às 6h retornei aos templos. Assisti ao levante do sol defronte a extraordinária fachada. Ao sul do grande templo existe uma gruta aberta a 16 de fevereiro de 1874 (opened Febr. 16. 1874 by A.M.G.B. Eyre. Witnessed by C. Renshar, A.B. Edwards). Ali as pinturas estão ainda bem conservadas e pude ver o abutre desenhado sobre a cabeça do rei, carregando com suas garras o anx entre duas insígnias, todo o conjunto se assemelhando aos contornos de uma lanterna. Seria semelhante à lanterna que já mencionei? Um buraco bastante profundo fora cavado na parede do que eu acreditava ser uma gruta mais ao sul, mas agora começo a pensar que é apenas uma mesa escavada na superfície da rocha. Examinei atentamente o que ontem mais me impressionou e notei ao pé de uma das muralhas do grande templo, quase encobertas pela areia, as imagens de oito filhas de Ramsés.

Percebe-se, examinando com atenção, na nave do pequeno templo uma figura humana enlaçada pelas costas por um boi. É Hator sob a forma animal que abraça a rainha. Nesse templo existem também cenas de guerra. Nas paredes internas e externas desses templos ou de outra construção ao redor são vistas mesas esculpidas na rocha com numerosas inscrições hieroglíficas. Detive-me novamente a decifrar a inscrição grega da época de Psamético, mas existem palavras que não compreendo o significado e que não foram traduzidas por Leake. Bem próximo dali, em um dos colossos, pensei ter encontrado uma das inscrições de que fala Prokesch-Osten. Quase ao lado de Abu Simbel, em Fêraig, existe uma pequena construção provavelmente da época de Amenófis III!

Retornei a bordo quase às 9 h e partimos às 2 h para Wadi-Halfah de onde, montados em jumentos, visitaremos, amanhã de manhã, a segunda catarata. A 13 km ao sul de Abu Simbel, na margem esquerda, existem algumas ruínas que parecem datar da época romana. Mais ao sul acha-se uma gruta com hieróglifos do período de Ramsés II e mais acima, a oeste, câmaras cavadas na rocha com inscrições coptas com o nome de Diocleciano. Os cristãos talvez tenham se refugiado ali durante a perseguição no ano de 303. Em Serra, 9 km mais acima sobre a margem direita, surgem

construções que parecem um antigo cais. O vapor apenas interrompeu seu curso para ultrapassar os baixios e consertar uma peça no motor. As margens tornam-se baixas, avista-se as dunas logo atrás da estreita faixa de vegetação. Cheguei a Wadi-Halfah às 6 h 40'. A lua se mostra em todo seu fulgor sobre a copa das tamareiras. Uma noite de longos devaneios!

[desenho datado de Abousir, 1º de janeiro de 1877]

1º de janeiro de 1877. Levantei às 5 h Escrevi para a Europa.

Primeiro desjejum. Às 6h 40' cruzei o rio em um barco à vela em direção à margem esquerda. Montado em um jumento segui até ao rochedo de Abousihr, distante cerca de 6 milhas de Wadi-Halfah Do alto de seus 300 pés de altura avista-se muito bem a segunda catarata, a grande catarata segundo os antigos. É muito mais notável que a primeira pela extensão das corredeiras e altura das quedas. Os rochedos se sucedem no leito do rio ocupando um trecho de 10 a 15 km e calcula-se em 30 a 40m o desnível total do rio. Uma ou duas das quedas chegam a atingir 8 a 10m de altura. Graças às obras realizadas por Mohamed-Ali os ahabichs conseguem ultrapassar esse trecho durante os meses de cheia. No ponto mais alto do rochedo de Abousihr deixei a seguinte inscrição:

1º de jan. 1877

D. Pedro D'Alcântara

V. de Bom-Retiro

Artur T. de Macedo

Brésiliens

C. Henning

Dali avistei uma grande extensão deserta sobretudo na margem esquerda, possuindo a da direita alguma vegetação; o som dos nora ⁰⁰⁷ se escutava ao longe, zumbindo como as abelhas e em perene atividade como elas. Distingue-se na linha do horizonte as montanhas de Dongolah e caminhando em direção a Abousihr entrevi à direita o caminho que por entre o deserto de pedras e areia conduz a Kordofan. Não encontrei os grandes gipetos ⁰⁰⁸ brancos nem os abutres, únicas formas vivas dessas paragens. Os árabes chamam a catarata de Bata-el-Hagar (Ventre de pedra). O Nilo é repleto de pedras negras e refulgentes como blocos de antracito.

Retornei pelo rio num bote a remo. Chegamos a esbarrar e até encalhar nas pedras por causa das contracorrentes, mas o timoneiro era hábil. Os remadores cantavam uma espécie de melopéia cujas palavras me eram traduzidas pelo dragman. Eis um exemplo:

Escutei o rouxinol e me enamorei. Minha amada é como o jasmim. Ele tocou as duas ameixas da sua árvore mas os seios de minha amiga são como belas romãs de Fassah.

Depois eles iniciaram uma longa história, do menino Ali que tendo se perdido é procurado em toda parte por sua mãe. O tema se presta a inumerável repetição, que exprime sobretudo a ansiedade da mãe.

Saí de Abousihr após às 11h e cheguei a bordo meio-dia e 35'. Defronte a Wadi-Halfah, na aldeia de Béhéni, existem vestígios de antigüidades dentre as quais uma pequena construção cercada de colunas, bastante danificada, remanescente de um templo do período de Tutmés III. Não pude ir até lá. Pouco depois das 2h desembarquei em Wadi-Halfah e montado em um burro logo depois pude embarcar num dos vagões da estrada de ferro que seguia para Dongolah O trem parte a 7 km ao norte de Wadi-Halfah, em Hanskaiah onde já existe uma estação. O caminho está aberto numa extensão de 47 km e já pode receber os trilhos, mas foram colocados apenas 35 km, dos quais percorri 28 em cerca de uma hora até Sigadah, passando por Hamkah e Mouschid. Os trabalhos foram iniciados há dois anos. Em quatro anos a estrada chegará a Chendi, numa extensão de 9.000km, devendo em novembro deste ano, com a extensão de 100km, alcançar a província de Sakout. Deve atingir Kartoum que está a quase 200 km de distância de Chendi. Declive acentuado em todo o percurso, 1,30 por cento. Menor raio 160 m. Emprega-se 3.000 operários a quatro piastras (um franco) por dia, pagos aos adultos e aos meninos de mais de dez anos três piastras. Mulheres não trabalham. Cada km equívale a 2.000 libras esterlinas. Um operário é capaz de produzir um metro cúbico de aterro por dia — os Barabrahs não se equiparam aos felás em capacidade de trabalho. Não existem cortes muito altos nem longos. O gauge *[sic]* é estreito. Os dormentes são de madeira importada através de Alexandria. São empregados granito e tijolos feitos com barro do Nilo cozidos a carvão de pedra. Procuramos em vão a hulha e o ferro no território egípcio.

A localidade que visitei é atravessada por torrentes e há quatro anos não existe água aqui. Detive-me no local onde deve ser construída uma ponte sobre a maior das três torrentes, com dimensões que excedem aquelas das duas outras que atravessei. A margem direita, acima da catarata, é em geral menos árida. Existem belas plantações de tamareiras em Mouschid sobre a margem esquerda percorrendo o caminho até Hanskarah Do alto de uma colina rochosa, em Sigadah, tinha-se uma vista muito bonita olhando-se para o lado do rio. O pôr-do-sol foi como sempre. Tendo partido de Sigadah as 4h 8' retornei a bordo somente aos 10 minutos para às 6h, porque fomos obrigados a uma longa parada em Mouschid pela falha na alimentação da caldeira, sendo a água retirada do rio em odres carregados pelos Barabrahs. É um prazer inexprimível atravessar o deserto da Núbia em estrada de ferro e talvez eu tenha sido um dos primeiros viajantes a apreciá-lo. As informações me foram dadas durante o trajeto por um jovem engenheiro egípcio que fez seu curso de seis anos na escola politécnica e dois outros anos no do estado-maior do Cairo. Ele fala francês razoavelmente, mas compreende muito pouco o que se fala nesta língua. Vou jantar e em seguida redigir minha correspondência.

2 de janeiro de 1877 — Levantei as 5 1/2. Parti logo após. Não pude traduzir toda a inscrição de Abu-Simbel e a transcrevo tal como li:

Basileos ethontos es Elephantinan [sic] Psama tipo tauta agrapsan toi sun Psammatixo tō Theokl... Epleon êlthon de Kerkios Katuperthen [sic] iso potamos amiê aloglosos o () êxe potasimto Aigyptios de amasis egraphie [sic] Damearchon Amor Bixo [sic] Kai Pelephos [sic] Oudano [sic].

O rei Psamético chegando a Elefantine escreveu essas coisas aquelas com Psamético o Theoke... Eles navegaram a Kerkis subindo o rio falando uma outra língua (estrangeira) (o êxe potasimto?) o egit...[sic]. O rei Amasis foi general de Psamético, escreveu Damearchos Amosbixas e Pelefos filho de Oudano.

Às 10h chegamos a Abu-Simbel e o retorno às 11h 20'.

Observei novamente os colossos, examinei a inscrição grega e copiei uma das figuras que possui de ambos os lados cordões que unem flores de lótus e de papiro à uma espécie de remo achatado, como um pangaio, para saber o que representa esta ponta caída próxima da axila direita. Partimos às 11 h 1/2.

[desenho — figura humana, Abu Simbel, 2 de janeiro de 1877]

Lendo o extrato do boletim da Sociedade Geográfica, número de fevereiro e março de 1876, onde se encontra o breve relato da viagem do Dr. Gustave Nachtigal, que conheci na casa de Krupp em Essen, constato que em Dasfour, pertencente ao Egito desde 1873, há cobre e o antimônio foi explorado recentemente. Parece provável a existência de chumbo e o ferro é extraído de minas na província do sudoeste. A informação de ontem à noite não foi exata.

Esta noite encalhamos no lodo, mas foi por pouco tempo. Logo após às 6 h paramos a aproximadamente sete milhas aquém de Sebouah

3 de janeiro de 1877— De pé às 5 1/2. Ponho-me a escrever cartas. O vapor retoma o curso. Avisam-me a presença de crocodilos, mas quando vou vê-los já haviam desaparecido.

Às 4 h já era possível avistar a ilha de Filas com seus templos e tamareiras. Desembarquei às 4 h 20' e, atravessando um caminho por entre os rochedos até aos túmulos dos califas, cheguei em uma hora a Assuam graças ao meu valoroso jumento.

4 de janeiro de 1877 — Levantei às 5 h Escrevi cartas. O vapor partiu às 5 ¼ e passou agora, 7 h 25', defronte a Ombos. Vi rapidamente o pilono de Edfu e a aldeia de Esneh O vapor encalhou e somente quase duas horas depois voltou a flutuar outra vez. Cheguei a Luxor próximo às 5 h Fui até Karnak. O telegrama de Mariette foi mal traduzido do árabe por causa da semelhança de som entre a palavra pilono e o nome de duas cores, fazendo-me duvidar da exatidão das indicações do guia que me disseram haver acompanhado Mariette nesses trabalhos, mas finalmente me convenci de que havia visto as tábuas geográficas. São baixos-relevos sobre as paredes de ambos os lados do primeiro pilono, representando numerosas figuras de homens unidos uns aos outros, como prisioneiros e cujos torsos são cartuchas com o nome de um lugar ou país. Existe também a figura do rei, de dimensões gigantescas, segurando homens como feixes, pelos cabelos, para espancá-los.

Encontrei dentre os restos de um colosso, próximo à cartucha de Tutmés, os signos Nefer-et-xeper. A luz do magnésio me ajudou bastante, sobretudo na sala hipostila onde produzia um efeito feérico, principalmente no local da coluna que tombara e fora amparada por outra mais à frente. Esta sala é deslumbrante.

5 de janeiro de 1877 — Levantei às 5 h, o vapor já havia dado a partida. Vou ler. 6h Levantando os olhos fiquei encantado pelos belos matizes do oriente, mas embora eu seja matinal, prefiro as cores do pôr-do-sol. 9h 20' da noite. Cheguei junto com o poente, ao local a 45 milhas de Siout, onde o vapor fez uma parada. O céu está inteiramente estrelado. Nada é mais belo.

6 de janeiro de 1877 — De pé às 5 1/2. Novamente a caminho após longa espera. Espero chegar a Siout próximo das 9 h Prosseguirei fazendo anotações até ao Cairo. Poderiam ser mais interessantes se Mariette ou Brugsch tivessem me acompanhado ou houvesse tempo suficiente para consultar mais livros. Lamento intensamente que o problema matemático do qual Brugsch me falou em sua carta e também quando o encontrei em Filadélfia, aquele referente ao templo de Edfou, tenha permanecido quase um enigma para mim. Não acredito que as indicações que ali se encontram sejam das dimensões das câmaras e das quais já falei, porque Mariette em seu excelente guia já o havia dito. A gramática egípcia de Brugsch me foi de grande utilidade e recomendo a História dos povos antigos de Maspero como uma obra muito bem feita.

No Cairo passarei algumas manhãs com Mariette no Museu Boulaq, para que eu traga do Egito uma idéia bastante nítida de sua história, através de seus monumentos ou ainda por seus anais de pedra.

A aurora — não a de dedos rosados, mas a coroada com todas as pedras preciosas, vem-me acenar adeus das bordas do Nilo e eu saudarei o sol como o escriba real, chamado Anaoua, contemporâneo do Antigo Império (3-5.000 a.C.):

Saúdo a ti quando te elevas sobre a montanha solar sob a forma de Ra e quando tu declinas sob a forma de Ma! Tu percorres os céus e os homens te contemplam e se voltam em tua direção escondendo os rostos! Assim poderei acompanhar tua majestade quando tu te desdobras na manhã de cada dia. Teus raios sobre os rostos dos homens impede reconhecê-los; nada é comparável a teus raios. As terras divinas são vistas nas pinturas, as terras da Arábia são nomeadas, só tu és oculto! Tuas transformações se assemelham àquelas do oceano celeste; ele caminha como tu caminhas. Conceda-me o país da eternidade e a região daqueles que foram aceitos; que eu possa reunir-me aos belos e sábios espíritos de Kernefer e que eu figure entre eles para contemplar tua beleza na manhã de cada dia!

O Nilo merece também uma saudação e eu transcreverei algumas passagens do hino que lhe foi dedicado durante a XII dinastia (2-3.000 anos a.C.).

...Ó Tu que vens em paz para dar a vida ao Egito!

...Irrigador dos vergéis criados pelo sol...

Caminho celeste que se abre... Seu trabalho é o repouso das mãos dos milhões de infelizes... Sua bravura é um escudo (para os infelizes)... Não conseguimos esculpi-lo na pedra; não é visível nas estátuas em que colocamos a dupla coroa... Não podemos conduzi-lo para o interior dos santuários; não sabemos onde encontrá-lo, não o vemos nunca na pintura de cenas de caça; nenhuma morada consegue contê-lo; nenhum governo em teu coração (na verdade procuramos ainda suas nascentes). Alegrestes a descendência de teus filhos; te rendem homenagem no Sul, teus decretos são permanentes quando declarados servidores do Norte. Ele absorve o pranto de todos os olhos e prodigaliza a abundância de seus bens.